

# *Boletim Cultural e Ecológico*

*A revista comunitária da Vila Clementino*

Ano 1 - Nº 6 - Resp.: José Carlos Corrêa Cavalcanti - F. 2506-8298 - vilaclementino.sp@gmail.com  
Outubro/2012 - Tiragem: 1.200 exemplares - [www.boletimculturalecologico.com.br](http://www.boletimculturalecologico.com.br)

## *Breve reflexão sobre o Amor*

de José Carlos Corrêa Cavalcanti

# Boletim Cultural e Ecológico

A revista comunitária da Vila Clementino

Ano 1 - Nº 6 - Resp.: José Carlos Corrêa Cavalcanti - F. 2506-8298 - vilaclementino.sp@gmail.com  
Outubro/2012 - Tiragem: 1.200 exemplares - www.boletimculturalecologico.com.br

## APOIO:



**Kyrial**  
clínica

*Dr. Marcelo Capuzzo*  
Professor Assistente de implantes na APCD

**IMPLANTES - CLÍNICA GERAL**  
**ODONTOLOGIA ESTÉTICA**  
**CLAREAMENTO**

Rua Madre Cabrini, 77 - Vila Mariana  
Rua Itapiru, 23 - Praça da Árvore  
Fones: 2276-7027 / 2613-1033  
Com estacionamento  
www.kyrialclinica.com.br



**repinte**  
técnica em pinturas

Hidrojetamento  
Impermeabilização de Superfícies  
Aplicação de Graffiato e Texturas  
Tijolo e Concreto Aparentes  
Pastilhas

**Pinturas:**  
Fachadas, Áreas comuns e Garagem

Rua Pedro Morganti, 126 - V. Mariana  
Tel/Fax: (11) 5084-9270 - 5083-8171  
**www.repinte.com.br**

**11 DE JUNHO**

**Centro Automotivo de**  
**Troca de óleo & Escapamentos**  
*Desde 1965 bem servindo a todos*

**Filtros**                      **Freios**

**Baterias**                    **Catalisadores**

**Av. 11 de Junho, 559 - Vila Clementino**  
**Fones: 5549-9080 / 5549-1874**  
**www.11dejunho.com.br**

# BREVE REFLEXÃO SOBRE O AMOR

José Carlos Corrêa Cavalcanti

Amor — eis uma das palavras mais utilizadas no mundo todo, em todos os idiomas, com uma profusão de significados: falamos em amor filial, amor à natureza, amor à arte, amor ao dinheiro, amor ao próximo, amor fraterno, o amor altruísta e compassivo de Madre Teresa de Calcutá e o amor obsessivo de um amante desprezado.

Boa parte das vezes o desejo de posse está atrelado a esse sentimento, sobretudo na sensível área do romance, da paixão, do amor sensual. É aí que as coisas se complicam extraordinariamente. Pois faz parte de nossa cultura considerar, geralmente, o ciúme como sinal de amor, quando em “doses controladas”; em excesso, denota insegurança na relação e pode levar a horríveis conflitos, e mesmo a casos medonhos de crimes e até assassinatos.

Até um certo momento o sujeito “sofre por amor” e passa o inferno na terra, para depois, em certos casos, atravessar uma fronteira invisível e proibida que o leva aos extremos da violência, ao fracassarem tentativas de reconciliação — ou pior, ao encontrar a ex-namorada nos braços de outro. A crônica policial está repleta de notícias desse tipo, de resto “generosamente” veiculadas pelos meios de comunicação, pois são de grande apelo popular.

Lupicínio Rodrigues traduziu bem esse drama, tipicamente masculino, em “Nervos de aço”:

Você sabe o que é ter um amor, meu senhor? / Ter loucura por uma mulher  
E depois encontrar esse amor, meu senhor, / Ao lado de um tipo qualquer?  
Você sabe o que é ter um amor, meu senhor / E por ele quase morrer  
E depois encontrá-lo em um braço, / Que nem um pedaço do seu pode ser?  
Há pessoas de nervos de aço, / Sem sangue nas veias e sem coração,  
Mas não sei se passando o que eu passo / Talvez não lhes venha qualquer reação.  
Eu não sei se o que trago no peito / É ciúme, é despeito, amizade ou horror.  
Eu só sei é que quando a vejo / Me dá um desejo de morte ou de dor.

Certa vez o grande compositor gaúcho contou a origem dessa música, relatando que ele e sua noiva haviam brigado, e a moça foi embora dizendo que iria casar com o primeiro que aparecesse, “nem que viesse a morrer de fome por causa disso”. De fato, alguns dias depois ele encontrou a ex-noiva já de braço dado com outro. Dessa dor surgiu letra e música de “Nervos de aço”.

Vocês podem encontrar o vídeo desse relato, sem dúvida pungente, no YouTube, inclusive com o Lupicínio cantando, com sua voz frágil e meiga, essa música que resiste ao passar dos anos, por tratar de um tema recorrente na psique masculina. E na feminina também, embora de modo diferente e menos divulgado.

Os estragos que o amor romântico pode fazer na alma feminina, a meu ver, nunca foram melhor retratados do que pela Dolores Duran, grande compositora e cantora, que traduziu muito bem esse drama humano na canção “Noite de paz”, gravada por ela mesma e também pela Maysa, tendo feito sucesso em ambos os casos:

# BREVE REFLEXÃO SOBRE O AMOR

José Carlos Corrêa Cavalcanti

Dá-me, Senhor, uma noite sem pensar / Dá-me Senhor, uma noite bem comum!  
Uma só noite em que eu possa descansar / Sem esperança e sem sonho nenhum!  
Por uma só noite assim posso trocar / O que eu tiver de mais puro e mais sincero  
Uma só noite de paz pra não lembrar / Que eu não devia esperar — e ainda espero.

Eis aí, expresso brilhantemente, o drama do apaixonado(a) que, não realizando seu sonho de amor, clama pela paz advinda do esquecimento, pois as esperanças e sonhos se transformaram num verdadeiro tormento. Certamente, para fazer essa bela e triste canção, Dolores se inspirou em sua própria vida sofrida, atormentada, que a levou à morte prematura com apenas 29 anos, o que foi uma grande perda para a música popular brasileira.

Veja um trecho de pesquisa sobre essa artista:

“Ela escrevia muitas de suas letras na mesa dos bares, bebendo e fumando, ouvindo músicas de bolero, salsa e samba. Se inspirava em seus casos amorosos e na sua vida em geral, suas alegrias, tristezas, dores, anseios e mágoas, para compor suas inesquecíveis letras. Em 1957, um jovem compositor apresentou a Dolores uma composição dele e de Vinícius de Moraes. Tratava-se de Antônio Carlos Jobim, em início da carreira. Em três minutos, Dolores pegou um lápis e compôs a letra da música “Por causa de você”. Vinícius ficou encantado com a letra e gentilmente cedeu o espaço a Dolores”. ( fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Dolores\\_Duran](http://pt.wikipedia.org/wiki/Dolores_Duran))

Isso dá uma idéia do talento de Dolores Duran, visto que nessa época o ex-diplomata Vinicius de Moraes já era poeta famoso e consagrado: pois ele abriu mão de sua letra feita para a música de Tom Jobim (“Por causa de você”) em prol do belíssimo poema que Dolores rabiscou em apenas alguns minutos, sobre a mesa de um bar:

Ah, você está vendo só do jeito que eu fiquei e que tudo ficou?  
Uma tristeza tão grande, nas coisas mais simples que você tocou...  
A nossa casa, querido, já estava acostumada aguardando você...  
As flores na janela sorriam, cantavam **por causa de você**...  
Olhe, meu bem, nunca mais nos deixe, por favor  
Somos a vida, o sonho, nós somos o amor  
Entre, meu bem, por favor, não deixe o mundo mau lhe levar outra vez  
Me abraçe simplesmente, não fale, não lembre, não chore, meu bem...

Não é à toa que Vinicius abriu mão de sua letra (que também devia ser ótima, pois ele era, reconhecidamente, um excelente letrista), não apenas num gesto de grande cavalheirismo mas também em reconhecimento à qualidade do poema que Dolores compôs de estalo, simplesmente tirando de seu interior a matéria prima dessa autêntica pérola da música popular brasileira, que ela mesma veio a gravar depois, com grande sucesso.

Então nos perguntamos: como pode o amor (ou as decepções amorosas) levar um ente humano a tanto sofrimento, mesmo com uma vida vitoriosa em outros aspectos?

# BREVE REFLEXÃO SOBRE O AMOR

José Carlos Corrêa Cavalcanti

## Si amas a alguien, déjalo libre

Embora o sentimento de posse em relação a outro ser humano seja de todo questionável, um conhecido verso (do poeta uruguaio Mario Benedetti) pode servir de antídoto aos excessos de paixão e ciúme:

"Si amas a alguien, déjalo libre; si vuelve a ti, es porque siempre fue tuyo.

Si no vuelve, es porque nunca lo fue".

Em sua beleza e simplicidade, esse verso nos lembra da inutilidade de querer prender o amor, atitude essa muito usada mas, provavelmente, um indício de seu final, aconselhando-nos a abrir mão exatamente daquilo que nos parece tão fundamental, que é a presença, atenção e carinho daquela (ou daquele) que é objeto de nossa paixão:

"se amas alguém, deixe-o livre; se voltar é porque sempre foi teu.

Se não voltar, é porque nunca foi".

De qualquer modo, fica implícito no poema o sentimento de propriedade, de indefinida permanência do casal, com direitos exclusivos. Aparentemente, não estamos bem preparados para a liberdade — que envolve a questão de nós com nós mesmos, ou seja, como conviver a própria solidão.

O fato é que o amor é um dos temas que mais têm inspirado os artistas, compositores e poetas, originando músicas e poemas belíssimos, como o famoso Poema 20, de Pablo Neruda:

Posso escrever os versos mais tristes esta noite.

Escrever por exemplo:

a noite está fria e tiritam, azuis, os astros à distância.

Gira o vento da noite pelo céu e canta.

Posso escrever os versos mais tristes esta noite.

Pensar que não a tenho; sentir que já a perdi,

Ouvir a noite imensa, mais profunda sem ela.

E cai o verso na alma como o orvalho no trigo.

Que importa se não pode o meu amor guardá-la?

A noite está estrelada e ela não está comigo.

...

Porque em noites como esta eu a apertei em meus braços,

Minha alma se exaspera por havê-la perdido.

Mesmo que seja a última esta dor que me causa

E estes versos os últimos que eu lhe tenha escrito.

# BREVE REFLEXÃO SOBRE O AMOR

José Carlos Corrêa Cavalcanti

Para o amante, a pessoa amada torna-se tudo, o próprio sentido da vida, e sua ausência traz uma melancolia sem fim; o cosmos indiferente apenas acentua seu vazio, sua solidão. Em um verso de rara beleza, ele mostra a relação da dor com a criatividade poética: “e cai o verso na alma como o orvalho no trigo”.

Hoje, porém, vivemos um tempo em que os grandes e sofridos amores românticos são muito mais raros. Sofrer por amor está meio fora de moda em nossos dias; o que importa é “bola pra frente”, pois “a fila anda”. Com a liberação da mulher, e maior permissividade geral da sociedade, surgiu o “ficar” trazendo um caráter experimental, descompromissado ao envolvimento entre casais.

A época atual desenvolveu um espírito utilitarista onde a autorrealização adquire um sentido mais amplo, ocupando o lado afetivo apenas uma pequena parte dentro de um conjunto de potencialidades que o ser humano sente que deve desenvolver, rumo a uma existência talvez mais feliz, mais equilibrada e menos propensa a extremos em matéria de amor – hoje encarado com certa desconfiança pelos sofrimentos que pode causar, pois, como diz a linda canção francesa:

“Plaisir d’amour ne dure qu’un moment; chagrin d’amour dure toute la vie” .  
 (“O prazer do amor não dura mais que um momento, mas as dores do amor duram a vida toda”).

Assim, nossos processos mentais conscientes têm de aprender a lidar com nosso lado desconhecido, profundo e cheio de energia, adotando-se atualmente a estratégia de canalizá-lo para atividades mais “bem comportadas”, assépticas, seguras. Paixões descontroladas não são convenientes.

Em seu lugar, ou seja, no espaço aberto pelo declínio do amor romântico, prioriza-se a realização cultural, material e estabilidade emocional, centrando-se forças no desenvolvimento de uma carreira profissional, na formação de um patrimônio, numa visão mais racional do envolvimento afetivo.

Em função disso, o amor romântico com seus excessos teve sua importância diluída, e eu me pergunto se o que veio em seu lugar nos deixou mais humanos, compassivos, generosos, com um sentido de existência planetária e não tribal, considerando irmãos todos os povos da Terra, se tudo isso nos deixou mais amorosos, sensíveis, afetuosos – ou não.

# BREVE REFLEXÃO SOBRE O AMOR

José Carlos Corrêa Cavalcanti

## Gradações e variantes do amor

O sentimento do amor possui várias nuances e gradações, desde simplesmente simpatizar, gostar pouco ou muito, até amar com maior intensidade. Possui também uma variedade de vertentes e formas de expressão. No âmbito familiar, temos o amor de mãe, o amor paterno, amor filial e fraternal, sentimentos autênticos mas geralmente misturados com as sequelas emocionais da convivência, onde gestos de gentileza e atenção se alternam com manipulações e grosserias, gerando sentimentos contraditórios de gratidão e raiva, culpas e mágoas, alegrias e decepções, que atingem também casais que convivem maritalmente, após um certo tempo de convívio – não raro terminando em rompimentos, brigas e separações amargas.

## Quem ama dá presentes...

Hoje tudo se mercantiliza, e o ser humano encontra-se prostrado ante o Bezerro de Ouro das riquezas, aquisições, das tecnologias, da indústria do entretenimento e do lazer. Claro está que o comércio pega carona no espírito do amor para estimular as vendas: massivas campanhas publicitárias nos incitam dia e noite ao consumo exacerbado, à satisfação de falsas necessidades inculcadas pela própria propaganda, associando abertamente o amor ao ato de presentear, em datas que homenageiam pais, mães, namorados e mais uma lista enorme de datas inventadas unicamente para faturar mais: **“Quem ama dá presentes marca tal”** – muito embora o simples presentear nem sempre seja acompanhado do real interesse, carinho e cuidado pela pessoa presenteada, muitas vezes mal disfarçando exatamente a ausência dessas atitudes.

Dentro desse quadro, como fica essa coisa misteriosa a que chamamos “amor”? Se o amor romântico nos traz tantas dores, e o amor familiar faz picadinho de nossas emoções, misturando as mais belas lembranças com as mais dolorosas, e tirando a influência das propagandas, que nos inculcamos uma versão mais grosseira onde o amor se resume ao apego à forma, às aparências e se contamina com desejo de prazer, com quê ficamos? Haverá um amor que não contenha a semente da frustração, do sofrimento?

Muitos adotam o amor a um ideal ou a uma causa nobre (como por exemplo a questão ecológica) ou humanista, como as crianças carentes, os presidiários, as pessoas que sofrem nos hospitais e tantos outros. Sem dúvida, é uma mudança de paradigma: agora mesclado com a compaixão, o amor já não é direcionado à satisfação do lado sensorial ou egocêntrico, e geralmente leva à participação em entidades beneméritas ou idealistas, ao voluntariado, à doação do próprio tempo, trabalho e atenção de maneira desapegada, para atenuar um pouco os males do mundo.

# BREVE REFLEXÃO SOBRE O AMOR

---

José Carlos Corrêa Cavalcanti

E assim o amor vai deixando de ser uma relação de consumo (amor à casa da praia, á sobremesa preferida, à arte, ao esporte) e de troca (onde se espera uma retribuição), para ser uma relação de doação, de sacrifício até, a uma causa meritória.

## **Afinal, o que é o Amor?**

O amor é um sentimento indefinível. Mas considerá-lo apenas como “um meio para um fim”, e não um fim em si mesmo, é limitá-lo enormemente. Pois sentimos que o amor se purifica, se ele-va ao afastar-se do lado sensorial, do desejo de ganho ou promoção pessoal, rumo a um sentido mais nobre – e mais abstrato, intangível – onde não cabem mais declarações como “eu te amo por causa disso ou daquilo”. Por quê? porque ao se amar porque se tem motivos para isso, admite-se implicitamente o desejo de contrapartida, cuja supressão levaria à cessação do amor.

Claro que nos é difícil conhecer uma tal espécie de Amor sem motivos, pois, declarado ou sutil, nosso desejo de satisfação pessoal está presente.

## **Amor como Graça**

Há um antigo provérbio chinês que diz:

“Me ame quando eu menos merecer, pois é quando eu mais preciso”.

Acho tocante essa frase porque em sua base está a noção de que só o amor é realmente transformador, embora utilizemos o castigo como forma de expiação aos que cometem erros.

Se recuarmos cerca de 2000 anos no tempo, quando Jesus defendeu corajosamente a mulher adúltera que os fariseus lhe apresentaram, já a ponto de apedrejá-la, veremos em ação um amor surpreendente, cheio de compaixão e sabedoria, que dispersou os acusadores da mulher ao proferir estas palavras eternas: “Aquele que dentre vós estiver sem pecado seja o primeiro que lhe atire pedra”.

Numa sociedade intolerante, de tradições rígidas, Jesus revolucionou ao apresentar o Amor como acolhimento e perdão, como Graça que independe de méritos ou culpas, tendo para isso se aproximado de todos, especialmente dos mais humildes e marginalizados.



# BREVE REFLEXÃO SOBRE O AMOR

José Carlos Corrêa Cavalcanti

## O Amor como bem supremo

Um dos mais famosos textos sobre o amor está na Bíblia (em I Coríntios, 13), onde o apóstolo Paulo se expressa poeticamente e com grande eloquência. Vejamos alguns trechos:

“Ainda que eu fale a língua dos homens e dos anjos, se não tiver Amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé ao ponto de transportar montes, se não tiver Amor, nada serei.

O Amor é paciente, é benigno, o Amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses, não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.”

Nessa concepção, liberta do egocentrismo, Paulo elenca alguns atributos do amor (paciente, benigno) e vários atributos que não lhe pertencem (não se ufana, não é inconveniente nem interesseiro, não arde em ciúmes, etc.), ou seja, ele nos diz muito mais o que o amor não é do que o que ele é.

Mas o sábio indiano J. Krishnamurti é ainda mais radical e nos diz *somente o que não é* o amor; partindo da premissa de que, retirando-se todo o falso, obtém-se ao final aquilo que é verdadeiro:

“Talvez tenhais possibilidade de descobrir o que é amor através do que ele não é. O medo não é amor, a dependência não é amor, o ciúme não é amor, a posse e o domínio não são amor, responsabilidade e dever não são amor, autopiedade não é amor, a agonia de não ser amado não é amor. O amor não é o oposto do ódio, assim como a humildade não é o oposto da vaidade. Dessarte, se fordes capaz de eliminar tudo isso, não à força, porém lavando-o assim como a chuva fina lava a poeira de muitos dias depositada numa folha, então, talvez, encontrareis aquela flor peregrina que o homem sempre buscou sequiosamente.”

Essa visão, como a de Paulo, não é o amor do “eu” a algo ou alguém, e portanto não contém a semente da perda ou decepção. Aqui, o amor é um fato absoluto, que não pertence mais ao campo dos pares de opostos, com o sentimento oposto (ódio) a fazer-lhe sombra, ou mesmo assumir-lhe o lugar.

**“Esse amor não pertence ao tempo; ele é tanto pessoal, como impessoal, tanto um só como multidão. Como uma flor perfumosa, podeis aspirar-lhe o perfume, ou passar por ele sem o notardes. Aquela flor é para todos e para aquele que se curva para aspirá-la profundamente e olhá-la com deleite. Quer estejamos muito perto, no jardim, quer muito longe, isso é indiferente à flor, porque ela está cheia de seu perfume e pronta para reparti-lo com todos.**

**O amor é uma coisa nova, fresca, viva. Não tem ontem nem amanhã. Está além da confusão do pensamento. Só a mente inocente sabe o que é o amor. Só é possível encontrá-la, essa coisa maravilhosa que o homem sempre buscou, quando o pensamento, alcançando a compreensão de si próprio, termina naturalmente. O amor não conhece o oposto, não conhece conflito”.**

(final)